

“QUE PROVEJA ISTO COM TEMOR, POIS NÓS OUTROS NÃO PODEMOS POR AMOR”: A AÇÃO CATEQUÉTICA DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA NOS TRÓPICOS ENTRE 1549 - 1559.

*Ana Lucia Sales de Lima¹,
Sezinando Luiz Menezes²*

Resumo: *O trabalho tem por objetivo analisar a concepção do jesuíta Manuel da Nóbrega sobre as mentalidades que estavam se construindo nos trópicos no início da colonização brasileira. As fontes utilizadas para o estudo foram as cartas escritas pelo jesuíta entre 1549 (ano em que a Companhia desembarcou nos trópicos) e 1559, momento em que o padre deixava sua ação evangelizadora a um plano secundário e passava a compor o quadro administrativo da colônia. Os costumes gentílicos foram, aos poucos, suprimidos pela ideologia cristã dos padres, que acreditavam estar salvando aquelas pobres almas dos pecados. Apesar da gama de dificuldades presentes no mundo colonial, Nóbrega se mostrou incansável em sua missão no Novo Mundo.*

Palavras-chave: *Colonização. Instituições. Manuel da Nóbrega*

Abstract: *The work has as objective to analyze the conception of Jesuit Manuel da Nóbrega about the mentality that was building itself in the tropics, in the beginning of the Brazilian colonization. The sources used for the study were the letters written by the Jesuit among 1549 (year in that the Company disembarked in the tropics) and 1559, moment when the priest left his evangelist action to a secondary plan and passed to compose the administrative picture of the colony. The native habits were suppressed little by little by the priests' Christian ideology that they believed to be saving those poor souls from Sin. In spite of the range of present difficulties in the colonial world, Nóbrega was shown tireless in his mission in the New World.*

Word-key: *Colonization. Institutions. Manuel of Nóbrega*

¹ Especialista em História Social.

² Doutor em História. Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 3.590, Maringá-Pr – e.mail sl.menezes@uol.com.br.

O trabalho tem por objetivo analisar a forma como Manuel da Nóbrega, visualizava as mentalidades que estavam se construindo nos trópicos no início da colonização do Brasil. Para isso, se fez necessário desenvolver uma leitura minuciosa das cartas produzidas pelo jesuíta entre 1549 (ano em que desembarcou no Novo Mundo) e 1559, ano em que deixou a frente da Companhia como superior e se direcionou ao corpo administrativo da colônia, governando a capitania de São Vicente até 1570 - ano de seu falecimento. Isto não significa que após 1559 ele deixasse de produzir relatos sobre os trópicos, entretanto o objetivo principal desta análise recai sobre o seu período evangelizador, ou seja, os dez primeiros anos de seu trabalho.

É importante destacar que escrever cartas não era uma opção pessoal de Nóbrega. A comunicação permanente através de cartas haviam sido prescritas por Loyola como respostas ao desafio de dispersão e da diversidade que poderiam comprometer a união dos jesuítas (Londoño, 2002: 14).

As cartas eram um poderoso instrumento de troca de informações e experiências entre os membros da Companhia de Jesus espalhados pelo mundo. Com isso os jesuítas construíam uma rede de informações que lhes permitia um melhor conhecimento de sua obra catequética, visto que a catequese não surtia efeito em todas as regiões da mesma forma. Os jesuítas que estavam na colônia precisavam ter conhecimento dos locais mais hostis a palavra de Deus, e que, por conseguinte necessitavam de um maior empenho via obra divina. As cartas, depois de lidas em Portugal, eram encaminhadas para Colégios europeus e para lugares do Oriente. Isto significa uma troca de informações que ligava colônia, metrópole e o "mundo". As cartas eram uma maneira de realizar uma propaganda da obra jesuítica no Novo Mundo, visto que a maioria delas expressam uma grande aceitação da religião proporcionada por um povo muito receptivo a fé católica, dispostos a abandonar seus costumes e abraçar o Deus cristão. Interessante ainda ressaltar que as cartas que conhecemos são apenas resquícios de muitas que foram escritas à Coroa, aos membros da Companhia e outros destinatários; pois muitas se perderam em naufrágios, outras simplesmente foram descartadas por seus destinatários, porém o pouco que se conservou nos possibilita um melhor entendimento do processo de colonização portuguesa efetuada nos trópicos.

Assim que a Companhia de Jesus desembarcou na colônia (1549), voltou-se para seu objetivo principal, a catequização dos povos que habitavam o Novo Mundo. Entretanto, naquele momento os trópicos não eram mais habitados apenas pelos indígenas, também havia a presença dos colonizadores.

O reduzido número de membros da Companhia se somaria às dificuldades que aqueles padres estariam por vivenciar frente à sua empreitada religiosa. Porém, de acordo com os escritos de Nóbrega, isto não impediria os jesuítas de conduzir aqueles homens aos dogmas católicos. No primeiro contato com o gentio, Nóbrega acreditava que os nativos não possuíam ídolos, não tinham fé em nada nem em ninguém, eram como um papel em branco, desprovidos de qualquer tipo de organização e liderança. Além disso, assim como Vespuccio, (1501) também retrata a ausência de propriedade privada em favor do coletivo e da repartição dos produtos disponíveis na natureza (caça, pesca e pequenas culturas cultivadas próximos à aldeia) sem intenções de acúmulo.

Todavia, mesmo considerando que o número dos missionários era reduzido, Nóbrega estava imbuído de transformar a América portuguesa. Para tanto, foi realizada uma repartição de tarefas objetivando um melhor e mais rápido processo de conversão do gentio que estava sujeito a “devaneios do demônio”. Segundo Nóbrega, caberia a ele próprio pregar aos colonizadores portugueses, visto que estavam mergulhados em grandes pecados, amancebados com as “negras da terra”, com as quais muitos já possuíam filhos, mas se mostravam contrários em confessar seus pecados, negando-se a legalizar sua condição perante a Igreja. O Padre Navarro ficaria encarregado da “gente da terra”, enquanto o Padre Vicente Rijo ficaria encarregado de ensinar os dogmas cristãos para as crianças índias que, segundo o jesuíta, mostravam grande facilidade e desejo de aprender, sobretudo a escrita.

Ainda segundo o jesuíta, o povo que habitava o Novo Mundo estava mergulhado em grandes pecados. Algo que atingia tanto o gentio, que desconhecia qualquer tipo que fosse de religião, quanto os portugueses, conhecedores dos dogmas da religião cristã. Dos pecados mais condenáveis pelos padres, destacam-se a nudez, as relações de poligamia e incesto entre os membros das aldeias, envolvimento em guerras inter-tribais, a condução da suas vidas através dos ensinamentos do pajé (responsável tanto pelo conforto espiritual como por curas aos enfermos) e o canibalismo.

Assim sendo, para a salvação das almas, a tradição dos nativos deveria ser abandonada, e a cultura religiosa europeia deveria ser incorporada. Segundo Paiva:

Era preciso ser cristão, deixar-se batizar, ingressar na Igreja dos portugueses, ingressar em sua sociedade: ali estava a salvação. Fora dali, a condenação. Boa hora a da vinda dos portugueses! Quem anuncia é o missionário, porta-voz da sociedade, que chegara se impondo pela força, destruindo sua primitiva condição. (PAIVA, 2006:57)

Contudo, não só os indígenas levavam uma vida permeada por vícios. Os portugueses que aqui estavam haviam sido corrompidos pelos costumes do gentio. Nos trópicos amancebavam-se com as nativas, com as quais tinham filhos, além disso, salteavam os índios e os exploravam. Estes maus costumes dos colonizadores comprometiam o trabalho catequético, pois os nativos se viam perdidos entre os dois grupos e não conseguiam distinguir colonizadores de evangelizadores. Ou seja, de um lado os evangelizadores, imbuídos da salvação e, por conseguinte, lutando para transformar o modo de vida dos nativos. De outro, os colonizadores interessados em ganhos materiais, mas que haviam assumido um modo de vida próximo aos dos índios. Sendo assim, os jesuítas, além de lutar contra o que consideravam vícios dos nativos, tinham que vencer os maus costumes dos cristãos na colônia.

Porém, segundo Nobreza, não só os colonizadores europeus dificultavam o trabalho dos jesuítas. Os padres enviados anteriormente compartilhavam dos mesmos pecados que a Companhia de Jesus lutava para sanar. Além disso, em carta de agosto de 1551, Nóbrega afirma que o clero anteriormente presente na colônia considerava lícito o fato dos portugueses desposarem várias mulheres escravas, pois sendo propriedade deles, possuíam esse direito.

Os clérigos desta terra têm mais ofício de demônios que de clérigos: porque, além de ser mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Cristo, e dizendo publicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado com as suas negras, pois que são suas escravas e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras coisas semelhantes, por escusar seus pecados e abominações, de maneira que nenhum demônio temos agora que nos persiga senão estes. Querem-nos mal,

porque lhes somos contrários a seus maus costumes e não podem sofrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seu interesse. Cuido que, se não fora pelo favor temos do Governador e principais da terra, e assim porque Deus não o quer permitir, que nos tiveram já tiradas as vidas. Esperamos que venha o Bispo, que proveja isto com temor, pois nós outros não podemos por amor. (NÓBREGA, 1955: 89)

Entretanto, mesmo com todas as dificuldades os jesuítas, encabeçados por Nóbrega, se mostravam incansáveis no que diz respeito à conversão dos índios aos preceitos da Igreja. Sendo assim, para vencer estes entraves e concretizar seu projeto desenvolvem meios para atrair a atenção dos “negros da terra”. Com o objetivo de aprender a língua falada pelos nativos para ensinar-lhes a palavra de Deus, procuravam passar mais tempo nas aldeias visando adquirir o conhecimento que o Padre Navarro já possuía por ter se relacionado diretamente com os nativos,. Desenvolveram teatros no qual encenavam o abandono dos costumes vigentes entre os nativos em favor dos costumes trazidos pela Igreja que iriam proporcionar a salvação das almas. Realizavam procissões em domingos e datas comemorativas embaladas por canções alegres, que de certa forma assemelhavam-se aos ritos que o gentio possuía e direcionaram sua atenção principalmente à criança que possuía facilidade e gana de aprender, sendo posteriormente sua grande aliada na conversão dos adultos.

Segundo Nóbrega, o gentio se mostrava a princípio receptivo aos ensinamentos, relata, em cartas enviadas à Coroa, em 1549, que muitos vinham ao encontro dos padres querendo ser como eles, pois almejavam abandonar seus costumes em favor dos bons que só a Igreja proporcionava. Ouviam as missas, participavam das comemorações católicas, enfim estavam dispostos a se converter.

Todavia, de acordo com as cartas escritas para o Reino ao longo de 1552, somente a receptividade dos nativos não estava sendo suficiente para se conseguir a conversão aos dogmas cristãos. Era necessário, que os nativos abandonassem seus costumes para ingressar numa nova vida, ou seja, mesmo depois de batizados pelos homens da Igreja, os nativos voltavam a viver de acordo com seus costumes, isso ocorria geralmente quando os inicianos deixavam a aldeia recém-convertida e se deslocavam para outra aldeia dando continuidade ao seu trabalho na colônia. Desse modo,

quando os jesuítas regressavam as aldeias que já haviam catequizado, percebiam que os índios tinham retomado seus antigos costumes.

Em vista disso, o privilégio do batismo – rito inicial para a entrada no mundo cristão e conseqüentemente indispensável para purificar a alma – estava direcionado às crianças e aos enfermos. Os adultos somente eram batizados se provassem que realmente haviam abandonado seus costumes em prol dos dogmas católicos, pois o batismo era o símbolo da transformação. Tal transformação adquiria substância com o índio abandonando seu nome (geralmente ligado à natureza) para assumir um nome cristão. Era o abandono efetivo do seu mundo em favor do universo cristão europeu.

Entretanto, por volta de 1561, os batismos realizados em massa, assim como havia acontecido no início da catequização, foram retomados e realizados em grandes aldeamentos. Essa retomada dos batismos coletivos decorria de uma tentativa dos jesuítas, com a contribuição direta de Men de Sá, terceiro Governador Geral do Brasil, de proteger os nativos dos “saltos” realizados frequentemente pelos colonizadores, pois cristianizados não poderiam ser escravizados. Contudo, a tentativa de proteger o gentio resultou numa realidade bem mais brutal e com conseqüências inimagináveis. As grandes aldeias cristãs, ao contrário do havia sido planejado, tornaram-se um terreno favorável para a proliferação de doenças trazidas pelos padres e principalmente um alvo fácil para os ataques dos colonizadores.

Entre as estratégias catequéticas destaca-se a aproximação as crianças. Esta se constituiria no caminho que ligaria o jesuíta ao resto do gentio. Foi através dela, segundo o relato de Nóbrega de 6 de Janeiro de 1550, que o inaciano pode se aproximar de uma forma concreta dos outros integrantes das aldeias.

“E ainda que seja difficil fazer que os mais velhos deixem os seus maus costumes, nos meninos é de esperar muito fruto, porque não contradizem quase em nada à nossa lei; e assim me parece que esteja aberta a porta para ajudar muito as almas nesta terra porque não resistiram nem mataram os que os queriam fazer cristãos e se deixam vir a fé [...] (NÓBREGA, 1955: 76)

A luta cotidiana travada pelos jesuítas contra o demônio que manipulava tanto o gentio quanto os colonizadores, era intensa.

Não descansavam frente à ameaça que assolava seu rebanho. Movidos pelo ideal da salvação, se defrontavam com inúmeros problemas. O demônio possuía muitas faces, e se colocava perante este gentio com grande poder de persuasão, sobretudo na hora da morte – momento do julgamento da alma. Para garantir o descanso da alma do enfermo, os jesuítas efetuavam o ato do batismo visando o perdão de seus pecados. Porém, em muitos casos, segundo Nóbrega, os jesuítas foram impedidos de realizar seu trabalho, ficando o enfermo nas mãos dos pajés que eram grandes inimigos dos homens da Companhia.

Os jesuítas, assim como Ulisses, lutaram bravamente contra as diversidades do novo território e viabilizaram a missão heróica de converter os índios à causa do cristianismo. Enfrentaram as intempéries de uma viagem marítima cheia de aventuras e apontaram em uma terra desconhecida, inóspita e povoada de canibais. Ainda tiveram de resistir às longas caminhadas através das florestas tropicais, percurso povoado por onças e cobras que tinham a natureza exótica como aliada. A fome e os martírios da purificação da alma não faltaram aos da cristandade. Os novos Ulisses não temeram os possíveis monstros escondidos na densa mata e, como guerreiros, desafiaram o maior rival do mundo cristão. Em priscas eras, o anticristo havia dominado a América, e os padres receberam a missão de desbancá-los. As mensagens do Evangelho somente chegariam aos corações dos gentios caso o poder do mal fosse desacreditado. Deste modo, a catequese provocaria a ruína do império maligno e pela conversão promoveria a liberdade dos antigos escravos de Satã. (RAMINELLI, 1996:23)

A guerra travada pelos inicianos contra os pecados não teria grandes frutos se fosse uma ação isolada sem a ajuda da Coroa. Nóbrega acreditava que a salvação daquela gente dependia não apenas da transformação dos hábitos do nativo, mas também da re-conversão do colonizador português. Em cartas de 1550 o padre solicitava a vinda de mulheres solteiras que aqui se casariam facilmente.

Muitos cristãos, por serem pobres, se casaram com as mulheres negras da terra, mas bastantes outros voltarão para o nosso Reino por não os quisermos absolver, ainda que tenham filhos, por serem casados em Portugal; e nas pregações muito os repreendemos. Se El – Rei determina povoar mais esta terra, é necessário que venham muitas mulheres

órfãs e de toda a qualidade até meretrizes, porque há aqui várias qualidades de homens; e os bons e os ricos casarão com as órfãs; e deste modo se evitarão pecados e aumentará a população no serviço de Deus. (NÓBREGA, 1955:79)

Nóbrega acreditava que a vida pecadora dos portugueses no Novo Mundo resultava, entre outras, da ausência de mulheres brancas. Os homens que estavam na colônia responsáveis pela colonização, encarregados da administração, dos ofícios básicos, das construções das vilas, enfim envolvidos em diferentes áreas de atuações, haviam sido “contaminados” pela devassidão em que se encontrava o gentio. Desse modo, ao invés do colonizador mostrar ao nativo o caminho da luz, enveredava-se com eles no mundo dos pecados, embriagados pelos maus costumes que grassavam o Novo Mundo. A maioria dos homens procurava o aconchego das “negras da terra”, vivendo à maneira delas. Iniciou-se uma prática que permaneceu muito tempo nos trópicos: o amancebamento. Essa forma que as relações assumiam eram repudiadas pela Igreja Católica, sendo um dos grandes entraves a serem vencidos pelos inicianos, pois representava uma ameaça direta à ação dos jesuítas junto ao gentio. Ou seja, enquanto os homens de Deus visavam extirpar os maus costumes dos índios, os demais colonizadores estavam compartilhando dos mesmos pecados repudiados por eles. Entretanto, os colonizadores não estavam dispostos a abandonar os novos hábitos adquiridos no novo-mundo.

A ausência de mulheres brancas, aliada à nudez das mulheres índias, despertava ainda mais o desejo daqueles colonizadores.³ Nóbrega, em carta escrita em 9 de Agosto de 1549, solicita o envio de roupas para cobrir as vergonhas dos nativos cristianizados, visando uma adequação aos costumes europeus.

³ Desde Pero Vaz de Caminha os portugueses mostraram-se atraídos pela beleza das nativas. Na carta que escreve ao Rei Caminha faz referência, em várias passagens, a beleza das índias. Freire (1998), ao buscar uma explicação para a atração mútua entre portugueses e nativas. Para este autor, por um lado, os portugueses tem uma propensão a miscigenação decorrente dos séculos de miscigenação que teriam ocorrido na Península. Além disso, a nativa tinha um tipo físico que se aproximava bastante ao ideal de beleza feminina cultuado em Portugal e que pode ser observado nas inúmeras variações da lenda da “moura encantada”. Ainda segundo Freire a ausência de mulheres brancas também teria sido decisivo para a miscigenação ocorrida no Brasil. Estudos mais recentes tem contestado a “propensão a miscigenação” apontado por Freire, (Vainfas, 1997). Por outro lado, ainda segundo Freyre, (1998) a atração da índia pelo europeu se explicava, principalmente, pela imagem que a nativa tinha do português que desembarcava na América. Envolver-se com eles significava se envolver com um ser superior que admiravam e respeitavam.

Também peça V. R. algum petítório para roupa, para, entretanto cubrirmos estes novos convertidos, ao menos huma camisa a cada mulher, polla honestidade da religião christã, porque vem todos a esta Cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devação, e vem rezando as orações que lhes ensinamos, e nom parece honesto estarem nuas entre os christãos na igreja, e quando as ensinamos. (NÓBREGA, 1955: 39)

As relações entre lusos e nativas resultaram em proles que os portugueses desprezavam e não se preocupavam em criar nos moldes europeus católicos, resultando num contingente de crianças que ficariam submetidas à devassidão que reinava na terra, compartilhando dos mesmos costumes do gentio.

A transigência com o elemento nativo se impunha à política colonial portuguesa: as circunstancias facilitaram-na. As luxúrias dos indivíduos soltos sem família, no meio da indiada nua, vinham servir a poderosas razões de Estado no sentido de rápido povoamento mestiço da terra. E o certo é que sobre a mulher gentia fundou-se e desenvolveu-se através dos séculos XVI e XVII o grosso da sociedade, num largo e profundo mestiçamento que a interferência dos padres da Companhia salvou de resolver-se todo em libertinagem para em grande parte regularizar-se em casamento cristão. (FREYRE, 1998: 92)

Segundo Vainfas, (1997) em **Trópico dos Pecados**, o ato de amancebar-se foi um traço presente no Novo Mundo. O casamento era mais comum entre os mais abastados que viam na formalização da relação uma maneira de garantir seus negócios ou mesmo assegurar um status. A maioria da população restava como alternativa o concubinato, relação amorosa duramente repudiado pela Companhia de Jesus. Para eliminar este problema a Igreja fazia de tudo para legalizar estas uniões através do matrimônio. Assim, simplificaram-se os ritos para a realização de casamentos. Bastava apenas o conjugue possuir uma testemunha que assegurasse sua condição de solteiro e este já poderia unir-se em matrimônio. Contudo, não há uma documentação que retrate a frequência destas uniões, nem tão pouco a quantidade das mesmas, o que se tem conhecimento são os documentos pertencentes à Inquisição de homens que possuíam uma vida dupla, isto é, forjavam uma testemunha na colônia para constituir matrimônios, mas na verdade já eram casados em Portugal.

Entretanto, de acordo com Vainfas (1997), a ausência de mulheres brancas na colônia agravaria ainda mais este quadro. Entre as classes menos favorecidas o amancebamento era a única saída para as uniões, tanto para homens solteiros como aqueles que eram casados em Portugal. Desse modo, se fazia presente nos trópicos dois tipos de relações resultantes dos amancebamentos; por um lado, portugueses que faziam desta prática aventuras passageiras, por outro, homens que chegavam a constituir família com as “negras da terra,” vivendo com as índias uma relação muito próxima do matrimônio europeu, porém sem a benção da Igreja Católica.

Amancebaram-se por falta de opção, por viverem, em sua grande maioria, num mundo instável e precário, onde o estar concubinato era contingência da desclassificação, resultado de não ter bens ou ofícios, da fome e da falta de recursos, não para pagar a cerimônia do casamento, mas para almejar uma vida conjugal minimamente alicerçada segundo os costumes sociais e a ética oficial. (VAINFAS, 1997: 95)

A preocupação dos inacianos foi tão relevante que, de acordo com Paiva, (2006) no catecismo foi efetuado uma resenha contendo 24 itens nos quais explicariam, de uma forma clara, os impedimentos no que se diz respeito aos casamentos, apresentado nas duas principais línguas locais: tupi e português. Todavia, os indígenas aderiam os ensinamentos apenas durante a presença dos padres nas aldeias, algo que durava algumas semanas ou meses, visto que se deslocavam pelas capitâneas pregando a palavra de Deus. Este “abandono” implicava no retorno aos maus costumes, (algo que preocupava os jesuítas e esteve presente em várias cartas enviadas ao Reino) o que comprometeria o trabalho dos inacianos.

John Manuel Monteiro (1994) acredita que as relações que se formavam no século XVI, entre colonizadores e as mulheres índias, eram movidas por estratégias friamente traçadas pelos portugueses. Tudo indica, segundo o autor, que os relacionamentos com as índias seria uma maneira dos colonizadores se infiltrarem no interior das aldeias para explorar a mão-de-obra nativa em seus trâmites comerciais nos trópicos. Entretanto, ainda segundo Monteiro, tal aproximação, na maioria das vezes, não surtia o efeito desejado pelos portugueses.

Freyre (1998) tem uma posição distinta. Para este autor os amancebamentos estão longe de ser uma alternativa às dificuldades de instabilidade econômica dos portugueses colonizadores. Tais práticas eram decorrentes da formação do povo português. A preferência por relações instáveis com uma ou até várias parceiras é algo que o lusitano carregaria consigo por gerações. Isto decorria dos portugueses terem uma propensão a miscigenação, da ausência de preconceitos, no que se refere a envolver-se com outras raças e com a facilidade de se adaptar a meios hostis.

Assim, o esforço de se impor a monogamia na colônia foi tremendo e não apenas entre os índios batizados, mas também entre os portugueses, pois os mesmos encontraram na moral sexual do gentio um espaço para fazer valer aquela sua tendência de moçarabes.

Nóbrega, em seus relatos (1549 – 1559), vê o desvio de conduta moral dos cristãos e dos padres seculares que vivem em pecado como algo que coloca em risco sua obra junto ao gentio. Com relação aos homens da Igreja vê a necessidade do envio de mais padres para realizar a obra da conversão. Porém, para evitar a continuidade dos pecados seria necessário analisar com atenção a vida dos padres que fossem enviados para a colônia. Assim, no entendimento de Nóbrega, deveria ser investigada tanto a vida pregressa na metrópole quanto o porquê almejavam vir para a colônia. Pois assim, se evitaria o aumento do número dos homens corrompidos que somente comprometeriam o trabalho realizado pela Companhia.

Um outro obstáculo ao trabalho catequético dos padres era a ação dos pajés. Desde Caminha (1500) e mesmo durante os anos iniciais da estada dos padres na colônia, acreditava-se que os habitantes do Novo Mundo eram desprovidos de qualquer tipo de organização e liderança. Na verdade, os padres subestimavam os nativos, colocando-os num patamar inferior. Isto ajuda a compreender a ação heróica dos jesuítas na colônia, pois, eles se julgavam os responsáveis por retirar os nativos da escuridão e mostrar o caminho da luz, da sabedoria, da Igreja cristã, enfim, seriam os responsáveis pela inserção dos índios na sociedade ocidental.

Para os jesuítas os pajés representavam, além de uma grande ameaça ao ato catequético, a santidade ameríndia a quem os gentios confiavam a sua vida, pois eram consultados antes dos indígenas se dirigirem aos seus combates, organizavam a vida dos nativos no

interior da tribo no que diz respeito ao trabalho, protegiam-nos dos males do demônio através de seus ritos; eram buscados para curar aos enfermos, entre outras coisas. Eram os membros mais respeitados nas aldeias e assim sendo enfrentar a autoridade dos pajés era uma tarefa árdua.

Da mesma forma que os padres viam nos pajés uma poderosa ameaça, aqueles também se constituíam em uma ameaça a esses últimos. Assim, os pajés também se opunham aos ritos cristãos. No que diz respeito ao ato do batismo, por exemplo, os pajés pregavam à aldeia que a água utilizada pelos inácianos para consagrar a iniciação ao mundo católico lhes trazia a morte. O falecimento seria o resultado do contato com os jesuitas. O número de mortes que ocorriam após o batismo acabava conferindo credibilidade aos pajés, pois embora a água pudesse não apresentar contaminação, o contato com o europeu muitas vezes podia levar ao falecimento do indígena, em razão do contágio de doenças para as quais os nativos não possuíam imunidade. Além disso, não se pode esquecer que, sendo o batismo um ritual que introduzia o nativo no *orbis cristianus*, para garantir a salvação os padres batizavam prioritariamente enfermos e moribundos. Em contrapartida, os jesuitas não entendiam porque aquilo acontecia; não conseguiam explicar os acontecimentos e isto resultava numa séria ameaça ao seu trabalho e uma vitória dos pajés contra a doutrina cristã. A este respeito Nóbrega, afirma, em carta de 10/08/1549.

[...] só de uma coisa estamos espantados, que quase quantos bautizamos adoeceram, uns da barriga, outros dos olhos, outros de inchações; e tiveram ocasião os seus feiticeiros de dizer que nós, com a água com que os bautizamos lhes damos a doença e com a doutrina a morte. (NÓBREGA, 1955:55)

Juntamente com os dogmas cristãos e conseqüentemente a salvação daquelas almas, os inácianos trouxeram da Europa as doenças que iriam causar grandes danos aos trópicos. O Novo Mundo não estava preparado para receber estes “visitantes”. Muitos foram os que adoeceram e faleceram neste período na colônia, pois não possuíam resistência imunológica aos novos males. Um simples resfriado poderia causar a morte de muitos índios. Os pajés resistiam a ameaça invisível, preparando suas poções, seus ritos,

tudo que estava a seu alcance, porém nada podiam fazer para salvar as vidas da comunidade.

As doenças contagiosas, para as quais os nativos não tinham resistência, estavam entre as mais poderosas armas trazidas pelos europeus para os trópicos. Por intermédio dos relatos jesuíticos tem-se conhecimento que a primeira grande epidemia, ocorrida após o desembarque dos inacianos, em 1554, atingiu várias capitanias e, conseqüentemente, as aldeias dos gentios onde fizeram grande número de mortes. A partir da segunda metade do século, a situação tenderia a piorar com os aldeamentos. Surtos de sarampo e varíola atingiram São Vicente dizimando a população indígena.

Na Bahia, cenário privilegiado da peste, a varíola chegou pelo mar, embarcada num navio lisboeta que lá chegou em 1562. Em três ou quatro meses extinguiu cerca de 30 mil índios, sobretudo os escravos e os reduzidos na missão. No transcurso das décadas seguintes romperam novos surtos epidêmicos, de modo que os 40 mil índios cristãos contabilizados pelos jesuítas em 1564 mal passaram de 10 mil em 1585 [...] A própria epidemia variólica, espalhou-se por toda a costa, de Pernambuco a São Vicente, passando por Ilhéus, Espírito Santo, o planalto de Piratininga, e até os sertões que confinaram com os núcleos coloniais. (VAINFAS 1995: 49)

O líder da aldeia utilizava as enfermidades trazidas pelos europeus como uma arma para pregar contra a adesão ao cristianismo, mostrando que aquele ato levava à morte. Segundo Nóbrega, os pajés ainda diziam ao gentio que, depois de batizados, os indígenas seriam escravizados pelos colonizadores, ou seja, estariam seguros enquanto estivessem ligados à sua cultura. Abandonada a mesma, estariam a mercê dos portugueses que os empregariam em seus negócios, pois aderir aos dogmas católicos também representava abraçar a cultura européia do trabalho.

Ao lado dos pajés, que protegiam e auxiliavam os indígenas, havia outra presença de suma importância naquele contexto e que estava acima da autoridade dos líderes tribais. Eram conhecidos como "caraibas" e, segundo os relatos de Nóbrega, perambulavam pelas aldeias e vinham de tempos em tempos trazer "santidades" e efetuar grandes curas e milagres. Acreditava-se que estas visitas às aldeias ocorriam, aproximadamente, de quatro em quatro anos, entretanto, não se pode estabelecer com precisão a periodicidade

das visitas dos Caraíbas. Além disso, os caraibas não pertenciam a uma determinada tribo, peregrinavam pelas aldeias onde eram recebidos com grandes ritos, diferentes daqueles liderados pelos pajés. Os caraibas despertavam grande respeito por parte dos nativos e certo espanto por parte dos inacianos, que os julgavam como a própria encarnação do demônio. Isto fica evidente no documento abaixo escrito por Nóbrega no primeiro ano da estada da Companhia entre os nativos, isto é, em agosto de 1549.

De certos em certos anos vêm uns feiticeiros de longes terras, fingindo trazer santidade. E ao tempo de sua vinda lhes mandam alimpar os caminhos e vão-nos receber com danças e festas, segundo o seu costume, e antes que cheguem ao lugar, andam as mulheres em duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos, e umas a outras, e pedindo perdão delas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar, entra numa casa escura, e põe uma cabaça, que traz, em figura humana, em parte mais conveniente para os seus enganos, e, mudando a sua própria voz como de menino, e, junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, não vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará comer, e por si virá a casa; e que as agulhadas irão a cavar, e as frechas irão ao mato por caça para o seu senhor, e que hão-de matar muitos dos seus contrários e cativarão muitos para os seus comerem. E promete-lhes larga vida, e que as velhas se hão-de tornar moças, e as filhas que as dêem a quem quiserem; e outras coisas semelhantes lhes diz e promete com que os engana. De maneira que crêem haver dentro da cabaça alguma coisa santa e divina, que lhes diz aquelas coisas as quais crêem. E acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem endemoninhadas, como de certo o são, deitando-se em terra e escumando pelas bocas; e nisto lhes persuade o feiticeiro, que então lhes entra a santidade, e a quem isto não faz, têm-lho o mal. E depois lhes oferecem muitas coisas. (NÓBREGA, 1955:62)

Em uma de suas cartas Nóbrega narra detalhadamente um ritual realizado pelos caraibas no interior das tribos. Na carta, Nobrega relaciona a cerimônia às práticas de bruxaria comumente realizadas na Idade Média europeia, algo repudiado pela Igreja Católica e combatido por meio do Tribunal do Santo Ofício. Quando Nóbrega utiliza o termo “feiticeiro” em seus relatos, faz com que o destinatário inconscientemente estabeleça ligações entre os caraibas e um ser enganador, engajado nas práticas demoníacas, persuadindo

os membros da tribo com seus atos e dizeres. No documento acima, podemos observar ainda que Nóbrega atribui aos caraíbas o estímulo a lutas inter-tribais. O sentimento de vingar seus antepassados através de práticas antropofágicas só possíveis através destes combates; a promessa de longa vida aos nativos, como também a riqueza de alimentos nas roças que por si só cresceriam e sanariam as necessidades da tribo. Tudo isso seria possível, segundo a visão de Nóbrega sobre os caraíbas, se o indígena estivesse disposto a seguir seus ensinamentos e permanecer afastado dos jesuítas que repudiavam tais práticas e visavam implantar os dogmas cristãos.

Segundo Monteiro, (1994) mesmo não sendo um membro da tribo, os “caraíbas” exerciam grande influência sobre os membros das aldeias. E este encontro só era possível a aqueles que se mostrassem grandes guerreiros vitoriosos nos combates, matassem e comessem seus inimigos ou que se tornassem um grande líder.

No que diz respeito às guerras inter-tribais, Nóbrega observa que aqueles embates entre tribos rivais não estavam ligados a sentimentos de cobiça ou sequer relacionados à conquista de territórios de seus contrários, pois os indígenas eram desprovidos de bens e rendas e viviam de acordo com o que a natureza lhes ofertasse, da caça, pesca e pequenas culturas visando apenas seu consumo diário. Desse modo, as razões das guerras nos trópicos não eram àqueles do Velho Mundo. Na colônia a realidade era outra, os indígenas guerreavam movidos pelo ódio, almejando vingar seus companheiros que também foram aprisionados e mortos por seus inimigos. Era algo que estava presente muito antes da chegada dos jesuítas, transmitida por gerações e que representava um dos sustentáculos de sua cultura; uma maneira de não deixar cair no esquecimento à memória dos seus antepassados.

Embora o objetivo deste trabalho seja a análise das cartas do Padre Manoel da Nobrega, é necessário ampliarmos a abordagem e mostrar a importância da antropofagia para a cultura indígena. Para tanto recorreremos aos relatos de Hans Staden, náufrago, que viveu entre os tupinambás por dez meses e meio.

Segundo Staden⁴, em *Viagem ao Brasil*, antes de irem

⁴ Primeira edição foi publicada em 1557, em *Viagem ao Brasil* Hans Staden relatou sua experiência entre os tupinambás em 1554 depois de sofrer um naufrágio. Obra se soma importância para o entendimento do cotidiano indígena na colônia.

guerrear com seus inimigos, os tupinambás procuravam a orientação do pajé da tribo, este os interrogava a respeito dos sonhos que haviam tido. De acordo com o autor, se a maioria dos nativos houvesse sonhado com a “carne assada” do inimigo era um sinal de vitória. Porém, se sua própria carne estivesse sendo assada, isto seria um sinal de que não deveriam prosseguir em seu caminho.

Ainda segundo Staden, os nativos fabricavam na aldeia, com a contribuição das índias, uma farinha de mandioca para suprir suas necessidades enquanto estivessem em combate, pois, às vezes, demoravam cerca de sete a dez dias para regressarem para a aldeia. É importante ainda destacar que os tupinambás saíam para guerrear duas vezes ao ano, geralmente nos meses de Agosto (período de desova de um peixe, conhecido pelos portugueses como tainha) e posteriormente em novembro, época da colheita do milho e da mandioca, base de sua alimentação. A escolha destes meses resulta da necessidade de garantir alimentação durante o combate e deixar a aldeia provida na ausência dos guerreiros que estariam engajados nas lutas inter-tribais.

A vingança, que motivava as guerras, se consolidava apenas com os rituais antropofágicos seguidos ao término dos combates. A antropofagia é recorrentemente relatada por Nóbrega. Ao lado da poligamia indígena é uma das características da cultura nativa que mais horrorizaram os inacianos e é duramente combatida por eles. Sendo assim a antropofagia era uma das vigas mestras da cultura nativa. Demolir um dos sustentáculos da cultura ameríndia se constituía numa tarefa árdua, mas os homens de Deus se mostravam incansáveis perante tais comportamentos. Em carta escrita em 10 de Agosto de 1549, Nóbrega narra as guerras inter-tribais.

Têm guerra uns com os outros, uma geração contra outra geração, a dez, e quinze, e vinte léguas de maneira que todos entre si estão divididos. Se acontece que tomem alguns dos contrários na guerra trazem-nos presos algum tempo e dão-lhes as suas filhas por mulheres e para que os sirvam e guardem, e depois os matam e comem, com grandes festas e com ajuntamento dos vizinhos que vivem ao redor; e se destes tais ficam filhos, também os comem, ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos e as vezes as próprias mães e dizem que só o pai tem parte nele e a mãe não tem nada. Esta é a coisa mais abominável que entre esta gente há. Se matam algum na guerra trazem-no em pedaços e poeima-no ao fumo e depois o comem com a mesma solenidade e

feira, e tudo isto pelo ódio estranhável que têm uns aos outros. (NÓBREGA, 1955: 48).

Após o término do combate, segundo Staden, os tupinambás direcionavam-se para seus lares o mais rápido possível. Os inimigos na guerra eram consumidos no caminho de volta, pois demoravam geralmente mais de dois dias para o regresso. Eram assados em pequenas fogueiras e consumidos tanto nos pousos no meio da mata, como no caminho. Os inimigos feitos prisioneiros eram levados até a tribo onde ocorreria o ritual antropofágico com a participação de todos os membros da aldeia. Não havia uma demarcação de tempo dos dias que o inimigo permanecia com vida na tribo, muitas vezes era apresentado a outras tribos vizinhas que participariam do ritual. Os inimigos aprisionados não pediam clemência nem se abalavam com a situação a qual estavam submetidos, continuavam firmes e valentes, e afirmavam, segundo Staden, que seus companheiros iriam vingar sua morte no momento certo.

O prisioneiro ficava sob os cuidados do índio que havia feito o aprisionamento, pois este era responsável pela guarda do inimigo. Ele o apresentava a outros chefes tribais, demonstrando com orgulho o prêmio adquirido na batalha. O prisioneiro geralmente se comunicava apenas com seu "senhor"⁵. Capturar o inimigo e devorá-lo, além de concretizar a vingança também significava para o índio prestígio perante a tribo, pois a cada oponente devorado o vencedor somava um "nome" ao seu, ou seja, quantos mais nomes tivesse mais respeitado seria.

Segundo Staden, antes da morte o inimigo era bem alimentado e eram efetuados os preparativos para o grande ritual. Fabricavam vários potes, nos quais ficariam os corantes que posteriormente serviriam para cobrir seus corpos, produziam bebidas para consumirem no dia anterior ao ato antropofágico e separavam penas que seriam acopladas ao bastão que utilizariam para aplicar o golpe fatal. Na noite anterior o levavam para um local construído especialmente para guardá-lo enquanto descansavam em suas redes. Pela manhã, antes do sol nascer, dançavam ao redor do bastão, posteriormente destruíam o abrigo onde estava o prisioneiro e o amarravam pelo pescoço. Depois de

⁵ Termo utilizado por Staden em seus relatos para distinguir o nativo que capturou o inimigo dos outros indígenas da aldeia.

amarrado, ficava cercado por dois nativos que seguravam as cordas, cada qual em uma ponta, aguardando a morte.

[...] um homem toma da clava; dirige-se para o prisioneiro; pára na sua frente e lhe mostra o cacete para que ele o veja. Enquanto isso, aquêlê que deve matar o prisioneiro vai com uns 14 ou 15 dos seus e pinta o próprio corpo de pardo, com cinza. Volta então com os seus companheiros para o lugar onde está o prisioneiro, e aquêlê que tinha ficado em frente deste lhe entrega a moça. Surge agora o principal das cabanas; toma a clava e a enfia por entre as pernas daquêlê que deve desfechar o golpe mortal. Isso é por êles considerado uma grande honra. (STADEN, 1995: 251)

Além de serem as principais responsáveis pelos preparativos da “grande festa”, as índias estavam em contato com o inimigo desde sua chegada até a sua morte. Na chegada do prisioneiro, o chefe da tribo apresentava uma mulher a ele, os dois poderiam viver como “casados”, podendo a mulher engravidar e constituir família até o dia do sacrifício, todavia a mulher não poderia se afeiçoar ao prisioneiro. Caso ela engravidasse os nativos educavam a criança até uma certa idade e depois a matavam e a comiam, pois ela era fruto do inimigo e também deveria ser eliminada. Na maioria das vezes a índia escolhida era a irmã do matador; esta derramaria lágrimas na morte do prisioneiro e posteriormente se saciaria com suas vísceras.

No que se refere a divisão do corpo do inimigo, segundo Staden, um membro da tribo separava os braços e as pernas, as índias tomavam estes pedaços e saíam em grande alvoroço. Feito isso, abriam as costas e repartiam entre eles em comum acordo. As mulheres se apoderam dos intestinos, que seriam fervidos e com o caldo era preparado um mingau que saciaria as necessidades das índias juntamente com suas crianças. Terminado o ritual, direcionavam-se cada qual para seu lar, enquanto o responsável pela morte do inimigo estendia o braço para o pajé o marcar com um dente de um animal, esta cicatriz seria a marca de sua bravura; a honra que ele adquirira.

Os relatos de Staden são de suma importância, por se constituírem na visão de um aventureiro alemão que esteve sob o poder dos tupinambás por quase onze meses, vivenciando e participando ativamente do cotidiano indígena, pois a maioria das

observações que se tem conhecimento são discursos dos colonizadores portugueses ou dos homens da Companhia de Jesus, que possuem cada qual seus preceitos de acordo com seus interesses junto ao gentio e conseqüentemente à colônia. Retomemos as cartas de Manoel da Nóbrega.

Para Nóbrega, a antropofagia era uma prática indígena demoníaca e inaceitável e os homens de Deus estavam nos trópicos para eliminar esta prática e, conseqüentemente salvar as pobres almas do poderio do demônio. Repudiava tal prática e lutava com todas as forças para exterminá-la do cotidiano dos nativos. Entretanto, lutar contra um dos sustentáculos da cultura ameríndia se mostrava um caminho árduo a ser percorrido, era necessário dedicar-se com afinco, e, sobretudo, dispor de tempo para permanecer nas aldeias mostrando o caminho do bem, isto é, o da Igreja. Mas, como já foi afirmado, havia poucos pastores para conduzir um grande rebanho, e isto implicava numa "catequização às avessas", ou seja, durante a permanência dos jesuítas nas aldeias os índios abandonavam suas práticas antropofágicas. Porém, quando os inacianos se ausentavam, percorrendo outras aldeias, os nativos retomavam seus costumes.

Por meio das cartas escritas pelo inaciano nota-se que, aos olhos do jesuíta, a antropofagia, como também outros costumes repudiados pela moral católica, estava diminuindo com o passar dos anos na colônia, principalmente a partir de 1553. Entretanto, o que se nota é que os indígenas não abandonavam tais costumes por completo, mas apenas os escondiam dos jesuítas, ou seja, no que concerne ao consumo de carne humana, o faziam as escondidas. Descartava-se a cerimônia com grandes festividades para comemorarem o ato de valentia de seus guerreiros junto à comunidade, visando esconder dos homens de Deus que ainda estavam ligados a sua cultura.

Visando acabar por completo com os maus costumes do gentio, Nóbrega, em carta ao reino em 1559 (seu último ano como superior da Companhia de Jesus), via a necessidade de se criar leis que cuidassem das questões indígenas. Primeiramente leis que os protegessem dos abusos cometidos pelos colonizadores portugueses, sobretudo no que se refere à escravização. No entanto, Nóbrega pretendia também que fossem estabelecidas penas para os índios que fossem apanhados realizando práticas que os jesuítas combatiam. Se fossem pegos praticando feitiçaria, por exemplo,

deveriam ser punidos com a amputação de um dedo da mão que não prejudicasse o rendimento no trabalho e em muitos casos também poderiam ser retidos nas prisões. Estas medidas tomadas pela Coroa portuguesa, recomendadas pela Companhia, objetivavam concretizar o trabalho catequético dos jesuítas nos trópicos completando a inserção do nativo no mundo do europeu.

A missão de eliminar a cultura nativa e conseqüentemente a implantação dos dogmas católicos, se mostrava uma tarefa árdua, mas que os jesuítas estavam dispostos a enfrentar. A obra jesuítica nos trópicos se mostrava intensa e determinada, visando, segundo eles, a eliminação do mal.

Os homens da Companhia repudiavam a cultura ameríndia nos trópicos. Características como amancebamento, antropofagia, ausência de um Deus, presença de feiticeiros (pajés), a nudez, enfim, o mundo indígena despertava repúdio nos jesuítas, que visavam a catequização dos trópicos e consideravam tais costumes inaceitáveis, comparando-as à práticas demoníacas.

Acreditavam os jesuítas, estarem salvando aquelas pobres almas do pecado em que se encontravam. Lutavam contra as dificuldades existentes na colônia para concretizar sua missão. Ressalte-se, no entanto, que a tarefa dos jesuítas ia além da catequização do indígena brasileiro. A luta travada nos trópicos tinha um duplo objetivo. Por um lado significava a salvação do gentio. Por outro, também representava uma forma de os próprios jesuítas se purificarem visando sua própria salvação. Afinal, os percalços, sofrimentos e, em extremo, a própria morte provavelmente garantiriam ao jesuíta um belo local no reino da eternidade.

Com suas ações e pregações, os inicianos foram paulatinamente cercando os "negros da terra" utilizando-se, principalmente, do seu poder de persuasão. Todavia, os indígenas que se negavam a aceitar os preceitos da Igreja, ficavam a mercê dos portugueses que poderiam, através de "guerra justa", utilizar os índios de acordo com suas necessidades. O nativo se viu sem saída diante da colonização. Aceitar os ensinamentos dos padres significava se conformar a concepção de mundo, de vida e de eternidade do português. Entretanto se negassem a aceitação dos dogmas católicos seriam escravizados pelos colonizadores, pois, segundo o próprio Manoel da Nóbrega, o que não pudesse ser provido por amor, que o fosse então pelo pavor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BUARQUE, Sérgio de Holanda (ORG). *História Geral da Civilização Brasileira: a época colonial*. 2º volume. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- CAMINHA, Pero Vaz de Caminha. *Carta a El-Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus Editora, 1963.
- DIAS, J. S da Silva. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Editora Presença, 1982.
- FREYRE, Gilberto. *Casa – Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/ EDUSP, 1980.
- LONDOÑO, Fernando Torres. *Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI*. Revista Brasileira de História, São Paulo, n. 43, p. 11 – 32, 2002.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NÓBREGA, Manuel. *Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1955 (org.: Serafim Leite).
- PAIVA, José Maria. *Colonização e Catequese*. São Paulo: Arké, 2006.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha à Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1995.
- VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- VESPUCCIO, Américo. *Diários da descoberta da América*. Porto Alegre: LPM.